

MODOS DE VIVER NO BRASIL CENTRAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

DIOGO MENEZES COSTA - IGPA/UCG- BRASIL
diogo@fronteiras.srv.br

Arqueologia Histórica – Centro-Oeste – Primeira República

O Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Barragem João Leite - Goiás, foi desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, conforme contrato de prestação de serviço entre Fundação Aroeira e SANEAGO. Neste projeto foram resgatados 6 sítios históricos, sendo : o sítio Gameleira, o Complexo do Onça e o sítio Casa Grande (COSTA, 2003a;2003b;2003c).

Os sítios históricos na área do Ribeirão João Leite apresentam uma enorme e variada coleção de elementos referentes às práticas cotidianas dos seus antigos ocupantes. Para tanto, estabelecemos a concepção de que o estudo tanto dos depósitos arqueológicos como das estruturas remanescentes apresentam-se como uma das fontes de maior potencial para o conhecimento das práticas de sociedades passadas. Pois, estes sítios, são compostos de vestígios relacionados, sobretudo, a atividades rotineiras que exercem um papel determinante na forma como as pessoas organizam e utilizam o local em que vivem. Assim, se por um lado a produção, processamento e consumo de alimentos, as práticas de descarte, o espaço de trabalho, as técnicas construtivas, entre outros, atuam como marcadores de produção e reprodução social, por outro, a pesquisa permite recuperar a materialidade de certas visões de mundo, significados culturais e identidades sociais.

Com este objetivo os sítios arqueológicos da área foram inseridos em um critério de significância que valoriza tanto o depósito como seu entorno. Portanto, os sítios relacionados ao chamado Complexo da Onça apresentam a oportunidade de se trabalhar uma área restrita, confirmando ou refutando hipóteses quanto às formas e os períodos de apropriação do espaço realizados por um determinado grupo de mesma condição sócio-econômica e laços familiares. Assim, como a relevância encontrada no sítio Gameleira - relacionado a um grupo de trabalhadores de fazenda - e no sítio Casa Grande - identificado como de proprietários de uma fazenda - contrastam a dualidade recorrente em uma sociedade rural que se via em pleno período pré-capitalista dos meados do século XIX.

Devido a similaridade destes conjuntos optou-se por priorizar em detalhe o resgate dos sítios, que além de possuírem depósitos preservados, são portadores de inúmeras significâncias para os estudos da região. Desta forma, a arqueologia histórica apresenta-se como um enorme potencial de construção da história de determinados segmentos sociais até então marginais na historiografia tradicional; e no contexto de resgate do patrimônio diretamente afetado por obras de grande impacto, como ferramenta imprescindível no resguardo e manutenção destes bens.

Sítio Gameleira

O sítio Gameleira apresenta-se como uma unidade habitacional sazonal da zona rural goiana, de um grupo de trabalhadores de fazenda, ocupado durante o terceiro quartel do século XIX.

A dispersão do material arqueológico apresentou algumas particularidades: quanto à disposição espacial, tem-se a presença, no mesmo local, de várias categorias que correspondem à estruturas deposicionais evidenciadas durante a escavação, estabelecidas como buracos de lixo, prática higiênica empregada no período. Quanto à disposição estratigráfica, tanto a louça como o vidro estiveram presentes em quase todas as camadas, ficando a cerâmica e o lítico concentrados na terceira camada, diferente do metal, que permaneceu em maioria na segunda camada.

A disposição das categorias materiais em conjunto com as estruturas deposicionais, fornecem a leitura da área trabalhada, como a localização externa desta unidade sazonal, de onde este refugio é originário. Isto é estabelecido não só pela composição dos vestígios ou por sua localização, mas também, pelo caráter efêmero destas unidades no século XIX, muitas vezes constituídas de materiais pouco resistentes e utilizadas por breves períodos.

A tralha doméstica, representada principalmente pela louça caracterizou-se por peças de serviço pequenas, como xícaras e malgas de acabamento simples e baixo valor, e pela ausência de pratos ou peças maiores. A cerâmica utilitária decorada com incisões e apliques, formada de potes pequenos com fuligem, é indicador de processamento de alimentos, como também para compor o jogo de serviço de requerente na prática alimentar. O vidro aparece de forma singular: além de disperso pela área, apresenta dois momentos deposicionais - um relativamente mais recente marcado pela presença de garrafas de bebida, e outro acompanhando a amostra de louça e cerâmica, com peças de uso medicinal e higiene do mesmo período.

A coleção em questão completa-se com o material em metal, que inclui fragmentos de painéis de ferro para o processamento de alimentos, já identificado na cerâmica. A ausência de estruturas de edificação na área, como também no material recuperado, como cravos ou pregos, leva a caracterizar a habitação como uma casa de adobe ou palhoça, algo comum na região. O metal também caracteriza outras práticas cotidianas, como o emprego de armaria, apresentado pelo elevado número de cartuchos e calibres e a presença de peças de montaria. O período de ocupação do sítio é reforçado pela presença na amostra de uma moeda de 10 réis cunhada em 1869.

Com as inferências realizadas, pode-se desenhar um panorama para a ocupação histórica ocorrida na área do sítio Gameleira como de um pequeno núcleo em posição dependente sócio-econômicamente, em relação a um núcleo de maior potência, onde é característica a formação de unidades efêmeras, relacionadas diretamente com a condição produtiva de grupos de trabalhadores sazonais. Conhecidas como “rancho”, estas unidades ainda são amplamente empregadas na zona rural, ocupadas essencialmente por homens na lida do gado ou na época de plantio e colheita.

Complexo do Onça (sítios 01, 02, 03 e 04)

O complexo da Onça é um conjunto de quatro sítios arqueológicos complementares entre si, formados por unidades habitacionais e produtivas, ocupadas por um mesmo grupo sócio-econômico na zona rural, desde meados do século XIX até o início do século XX.

A disposição das categorias materiais no sítio Onça 01 e Onça 02, compõem um mesmo padrão de manejo de refugo, nos quais a proximidade da água, assim como o período de ocupação, estabelece-se um descarte ocorrendo em pontos isolados, reflexo direto de certas opções tomadas ou mesmo imposições de época. Em contraposição o sítio Onça 03 e Onça 04, diferente dos outros, tem um padrão deposicional, onde o material apresenta-se amplamente disperso, não obedecendo a uma regularidade ou uma objetificação de depósito. Não que esta dispersão aleatória seja a falta de uma escolha, mas uma prática levada a cabo nestas duas áreas específicas, pela sua proximidade temporal ou mesmo pela situação geográfica na qual estão implantadas.

Este padrão deposicional estabelecido no complexo é visível não só na dispersão dos materiais, mas também pela semelhança na composição dos vestígios, que tratam-se quase que exclusivamente de refugo doméstico em muito semelhantes, tornando-se, portanto, um parâmetro igualitário de comparação, além, é claro, da proximidade estabelecida geograficamente, e de uma possível influência adquirida, entre os grupos que ali viveram.

O sítio Onça 01 foi identificado como uma unidade habitacional datada do quarto quartel do século XIX. O material doméstico restringe-se a uma xícara de louça simples e um fragmento de panela de ferro; já o vidro esteve presente em toda a área do sítio e concentrou-se em objetos de consumo como garrafas de bebida e medicinais. A grande quantidade de telhas e a ocorrência de material construtivo em ferro também corroboraram para a identificação da área como uma unidade habitacional. Porém, a identificação de estruturas não foi possível devido à perturbação existente na área, com a aragem do terreno.

O sítio Onça 02 foi identificado como uma unidade habitacional e produtiva datada do terceiro quartel do século XIX, apresentando a maior variedade de vestígios do complexo. Sua amostra compõe-se de elementos domésticos em louça, como peças pequenas e simples (xícaras, malgas e pires). A cerâmica também compôs este conjunto com vasilhas pequenas e potes maiores. O vidro, diferente das categorias anteriores, teve uma maior concentração em duas áreas, apresentando uma amostra variada, com peças de consumo e um tinteiro. Quanto ao metal, este apresentou vários elementos construtivos que, em conjunto com os relatos orais, confirmaram a existência no local de uma construção solidamente edificada, cuja finalidade era a produção de melado, como também armazenar elementos de trabalho no campo, representados pela lâmina de enxadão e peças de carro de boi.

O sítio Onça 03 foi classificado como uma unidade habitacional do início do século XX. Em sua coleção, a louça compõe a maior categoria doméstica, através de peças pequenas como xícaras e pires. Por outro lado, deve-se apontar a ausência, neste período, de malgas, elementos característicos de hábitos

alimentares do século XIX. Quanto à cerâmica mesmo reduzida, também compõe com os elementos em louça, peças pequenas e de serviço, enquanto o vidro destoa dos demais, apresentando elementos relacionados mais ao uso medicinal do que de consumo, o que pode indicar um trato com higiene ou mesmo uma prática medicinal mais acentuada neste sítio. Já o metal foi identificado em elementos de uso corriqueiro, como uma fivela de cinto e elementos de montaria.

O sítio Onça 04 também trata-se de uma unidade habitacional, porém do primeiro quartel do século XX. Apesar de ser o sítio com menos vestígios recuperados, é também o que possui mais informação oral. A amostra de louça forneceu dois elementos característicos, uma xícara e um prato (único do complexo), ambos produzidos nacionalmente, o que encaixa-se com o período do sítio e amplia a aplicabilidade desta categoria, agora apontando para uma preferência por alimentação com produtos sólidos. A cerâmica apresenta-se de forma reduzida em relação aos demais sítios, mas compõe o conjunto da louça, assim como o dos vidros entre os quais foi encontrado uma xícara, outro elemento de serviço de mesa. Ao metal fica restrito o material utilizado em trabalho, como argolas e barras de ferro.

O estudo em associação dos sítios do Complexo do Onça não encerra-se somente nas categorias temporais ou espaciais do complexo, relacionando as datas de ocupação para cada sítio ou mesmo os locais escolhidos para sua implantação, mas engloba também uma correspondência com o grupo ocupante da área, que começa com o sítio Onça 02, passa pelo sítio Onça 01, caminha para o sítio Onça 03 e, aparentemente, encerra-se no sítio Onça 04. Assim, no complemento estabelecido pelo sítio Onça 05, residência do atual agregado da fazenda, tem-se uma “espiral” que forma um circuito de ocupação e manejo da área em torno do açude. A funcionalidade identificada nos sítios também inter-relaciona-se quando as unidades são identificadas como domésticas, com exceção do sítio Onça 02, onde ocorre a funcionalidade de um sítio produtivo, situação explicável até mesmo pelo período de ocupação. Portanto, o elemento formativo e agregador dos sítios estudados é sem dúvida o grupo sócio-econômico constituinte do circuito, formado por trabalhadores rurais, alguns com relação de parentesco estabelecida (caso dos sítios Onça 4 e Onça 05) ou profissionais (Onça 01, Onça 03 e Onça 04), mas que partilham um mesmo espaço e modo de vida há mais de meio século.

Sítio Casa Grande

O sítio arqueológico Casa Grande foi identificado como uma unidade habitacional do último quartel do século XIX, sede de uma fazenda da zona rural goiana.

A dispersão das diversas categorias materiais apresentou variados padrões deposicionais. Na área A encontrou-se uma concentração maior das categorias na primeira camada, como louça, osso, cerâmica, metal e principalmente o vidro. Este material ocorreu associado a outras categorias mais recentes, como plástico e algumas pilhas. Assim, o contexto desta parte do depósito deve ser levado em consideração, já que, estando mais próximo das estruturas habitacionais e numa camada superficial, está por sua vez ligado à ocupação recente do local. É

também relevante lembrar que a área em questão é próxima a um pomar, o que influi na perturbação do terreno, mas de forma menos danosa que a aragem ou outro tipo de atividade causadora de impacto.

Já na área B a concentração de materiais ocorre principalmente nos níveis finais da segunda camada, tendo como maiores representantes a louça, a cerâmica e o osso. Estes, por sua vez, estão associados a estruturas deposicionais identificadas *in loco*, como buracos de lixo. As características do material resgatado demonstram uma ocupação longa e intensa da área, assim como certas preferências dos hábitos e modos de viver deste grupo. A preocupação em isolar principalmente o material orgânico do convívio diário estabelece uma padronização e escolha de tratamento do refugio doméstico.

No entendimento da disposição dos vestígios arqueológicos no sítio Casa Grande, pôde-se observar a ocorrência de duas situações. A primeira é a característica de cada depósito: onde na área A, foi identificado além dos materiais pertencentes ao século XIX, também o aparecimento de vestígios mais recentes, associados ao século XX. Enquanto na área B o refugio doméstico recolhido concentra-se em sua totalidade no descarte realizado por meados do século XIX. Assim, tem-se através dos eventos deposicionais ocorridos, o esclarecimento de dois momentos de descarte no sítio: o primeiro contemplando o período de ocupação no quarto quartel do século XIX, explorado nas áreas A e B, e o segundo a partir do segundo quartel do século XX e restrito a área A, que não é nosso interesse de pesquisa.

Na amostra de louça, foram identificados além do caráter funcional indicado por peças pequenas de serviço, como xícaras, pires, malgas, canecas e por peças maiores como travessa e pratos, o valor compreendido pelo conjunto, percebido através da rica decoração das peças, de custo elevado. Assim como outras funcionalidades, estabelecidas com o fragmento de uma imagem religiosa, e de uma peça provavelmente de conjunto de banho ou cozinha. No espaço doméstico, o metal também apresenta-se através de uma colher de cobre e fragmentos de panela, assim como na vestimenta, através de fivelas e zíperes e no transporte, com arreios e ferraduras. O vidro estabeleceu suas particularidades ao apresentar uma amostra concentrada em elementos de consumo, como garrafas de bebida, encontrando variação entre recipientes de vinho, champanhe e cerveja. Como também em frascos medicinais e de perfumaria, estes em grande número, tanto de formas como de conteúdo. Ocorrem também peças de serviço, como copos e taças, e elementos diferenciados, como um botão de vidro.

O material construtivo teve sua maior proporção estabelecida junto ao metal, devido aos cravos e pregos identificados. Esta categoria material também apresentou elementos de trabalho no campo, como uma lâmina de foçado. Por fim, está presente na armaria, através dos vários cartuchos, com calibres variados. A cerâmica utilitária não apresentou elementos de processamento de alimentos, ocorrendo apenas potes maiores decorados, relacionados ao armazenamento, e também elementos destoantes, como pratos pintados internamente e um cachimbo moldado.

O sítio Casa Grande apresenta além de um depósito em bom estado de conservação, uma particularidade na amostra, não só na variação das categorias materiais expostas, mas na relação atribuída entre as várias categorias materiais.

Assim, tem-se no mesmo contexto arqueológico elementos tanto referentes a grupos brancos tradicionais, como colheres de cobre ou taças em cristal; como elementos amplamente associados a grupos de trabalhadores africanos como o cachimbo moldado ou a cerâmica decorada. Neste caso, cabe lembrar o material lítico encontrado, no qual a presença de uma pederneira em sílex e de uma placa de ardósia, utilizada normalmente em escritos, confirmam as práticas desta sociedade antiga. Outro fator relevante de contraste é a ocorrência de artigos de luxo em associação com elementos tidos como de baixo valor aquisitivo no mesmo contexto deposicional. Esta confluência de elementos acaba por se tornar um referencial imprescindível para o entendimento de um passado recente, porém distante da realidade hoje conhecida.

Bibliografia

COSTA, Diogo Menezes. *Metodologia para análise do material histórico*, In: *Relatório parcial de sítios na área da Barragem João Leite, GO*. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, Saneago, Goiânia, 2003a.

_____. *Descrição e avaliação de sítios históricos*, In: *Relatório parcial sobre os sítios na área da Barragem João Leite, GO*. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, Saneago, Goiânia, 2003b.

_____. *Segundo Relatório Trimestral, Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da ADA pela Construção da Barragem no Ribeirão João Leite – GO*, Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, Saneago, Goiânia, 2003c.